

Jesus como Personagem Literário

J. J. Benitez e Anne Rice

como Estudos de Caso

Prof. Dr. Carlos R. Caldas Filho

RESUMO

A figura de Jesus Cristo sem dúvida é central na reflexão teológica cristã, oriental e ocidental, ortodoxa e católico-romana, protestante e pentecostal. É central também nas práticas devocionais e piedosas populares, sem embargo da menção desta centralidade nas artes, o que evidentemente inclui a literatura. Muitas obras no estilo “A vida de Jesus” têm sido escritas, nas mais variadas tendências literárias, veiculando diferentes compreensões teológicas. O presente artigo apresenta como estudos de caso as apresentações literárias de Jesus, tal como entendidas pelo escritor espanhol J. J. Benitez e pela escritora estadunidense Anne Rice.

Palavras-chave: Jesus Cristo, análise literária, teologia e literatura.

ABSTRACT

Jesus Christ is, beyond any doubt, pivotal in Christian theological reflection, Eastern and Western, Orthodox, Roman Catholic, Protestant and Pentecostal alike. It is central also in folk devotional and pious practices, without mentioning this centrality in the arts, which obviously includes literature. Many literary works of a “The Life of Jesus” style has been produced, in different literary styles, carrying on different theological understandings. This article presents, as case studies, the literary portraits of Jesus as understood by Spanish author J. J. Benitez and American novelist Anne Rice.

Key-words: Jesus Christ, Literary Analysis, Theology and Literature.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste artigo é a constatação que, independentemente de adesão a credo doutrinário, confessionalidade religiosa ou afiliação denominacional, Jesus Cristo é a figura dominante da história e da cultura do Ocidente nos últimos dois milênios. Fenômenos culturais – mas que inegavelmente têm, por menos que seus adeptos queiram admitir, uma expressão de religiosidade – como a secularização, e sua expressão radicalizada, o ateísmo declarado, são relativamente recentes na história ocidental. Não é propósito deste artigo entrar no mérito da discussão sobre qual é o atual *status* da sociedade ocidental (a brasileira incluída) no que diz respeito à religião, no sentido de saber se esta caminha para uma secularização crescente, ou se têm razão os que defendem que mesmo em meio aos atuais tempos chamados “pós-modernos” é possível ouvir o ruído de anjos a voar¹. A mesma idéia é expressa de modo diferente por Gilles Kepel (1992), que argumenta ser este o tempo da “revanche de Deus”.

De fato, a cultura ocidental é plasmada a partir de um molde cristão. Neste molde, a figura de Jesus de Nazaré evidentemente dominante. O historiador Jaroslav Pelikan (2000) descreve como ao longo dos séculos, cada sociedade cria sua própria imagem do Cristo. Curiosamente o Novo Testamento apresenta um texto no qual Jesus pergunta aos seus discípulos: “quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” (Mateus 16.13, *A Bíblia de Jerusalém*). A seqüência do texto narra como houve uma impressionante variedade nas respostas. Esta passagem bíblica é emblemática no sentido de apresentar como historicamente têm surgido tantas e tão diferentes interpretações do Cristo. Chega a ser irônico que mais tarde o Novo Testamento afirme que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade” (Hebreus 13.8, *A Bíblia de Jerusalém*). Conforme Pelikan, no primeiro século da era cristã Jesus era visto como um Rabi judeu, visão que aos poucos foi deixada de lado, à medida que o cristianismo se afastou

¹ Referência ao criativo e sugestivo título do livro de Peter Berger, publicado no Brasil em 1997: *Rumor de anjos: a sociedade moderna e redescoberta do sobrenatural*.

² A expressão “Filho do Homem” é a preferida por Jesus para fazer referências a ele mesmo. Tem origem na Bíblia Hebraica (o “Antigo Testamento” cristão). Na profecia de Ezequiel aparece 94 vezes, e é utilizada para se referir ao próprio profeta. No livro de Daniel aparece duas vezes (7.13 e 8.17) como referência a um ser celestial, messiânico. É provável que o uso por Jesus, conforme registrado nos Evangelhos, seja uma combinação destes usos vétero-testamentários.

de sua origem judaica e sofreu um tipo de adaptação ao ambiente cultural do mundo greco-romano da bacia do Mediterrâneo. Mais tarde, a partir dos séculos terceiro e quarto, Jesus passa a ser visto como o *Cristo Pantocrátor*³, o Rei do Universo e Soberano Celestial. Esta visão é muito presente na iconografia bizantina dos séculos sexto a nono⁴. Pelikan argumenta que o abandono da visão antiga de Jesus como *Rabi Yeshua bar Yosef* pela visão do *Cristo Pantocrátor* explica muito do anti-semitismo medieval. Não obstante, a tradição medieval ocidental imprimiu forte acento na paixão de Cristo. O tema do Jesus sofredor, fraco e impotente diante dos sofrimentos torna-se muito comum, sendo até hoje quase determinante na espiritualidade popular brasileira, de matriz católico-romana ibérica. Quanto a isto, vale a pena reproduzir uma citação do conhecido padre Henri Nowen⁵, na qual relata uma impressão do tempo que passou no Peru:

Em lugar algum encontrei sinal de ressurreição, em lugar algum fui lembrado da verdade de que Cristo venceu o pecado e a morte, e ergueu-se vitorioso do túmulo. Tudo era Sexta-Feira da Paixão. A Páscoa estava ausente [...] A ênfase quase exclusiva no corpo torturado de Cristo me atinge como uma perversão das boas novas em uma história mórbida que intimida as pessoas, mas não as liberta. (1983, p. 105).

O que Nowen descreve como tendo acontecido no Peru descreve de igual modo toda a experiência religiosa da América Latina⁶. Mas outras visões de Cristo foram desenvolvidas. Pelikan demonstra como a partir do século treze, devido à influência de Francisco de Assis (decerto o cristão individual mais conhecido de toda a história do cristianismo) outro aspecto da imagem de Jesus passou a ser representado – Jesus como modelo de vida. A devoção a Cristo assume forma de vida conformada ao modelo da vida de Jesus. A narrativa de Pelikan prossegue, e ele apresenta como no

³ A palavra grega *pantocrátor* significa “todo poderoso”.

⁴ O que talvez seja o mais famoso ícone bizantino do Cristo Pantocrátor é aquele confeccionado no século sexto, que se encontra localizado no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, no Egito (cf. <http://campus.belmont.edu/honors/Sinailcons/WIcons01.jpg>).

⁵ Henri Nowen era holandês, mas exerceu a maior parte do seu sacerdócio nos Estados Unidos, e posteriormente no Canadá. É bastante conhecido no Brasil, devido à tradução para o português de vários dos seus livros. Nowen foi nos últimos anos “descoberto” por evangélicos brasileiros interessados no tema da espiritualidade – o principal assunto das suas obras.

⁶ Para detalhes consultar, inter alia, Mackay (1993).

tempo da Reforma (século XVI), Jesus foi visto como o “Espelho do Belo”, na arte e protestante e na literatura da Contra Reforma na Espanha, e como o “Espelho do Bem” na ética sócio-política de Calvino. Prosseguindo, Pelikan apresenta como Jesus foi entendido e apresentado na arte e na literatura do século XIX – período áureo do Romantismo – como o “bardo do Espírito Santo” (expressão de um poema de Ralph Waldo Emerson, de 1847), aquele que une o Bom, o Verdadeiro e o Belo. Na virada do século XIX para o XX, Pelikan argumenta como Jesus foi visto como “Libertador”. Em textos de escritores e líderes como o russo Leon Tolstoy, o indiano Mahatma Gandhi e o estadunidense Martin Luther King Jr., enfatizou-se o aspecto da oposição profética de Jesus às injustiças econômicas e sociais do seu tempo, bem como a dinâmica para mudanças revolucionárias na ordem das relações humanas, públicas e particulares.

Esta introdução, posto que longa, é útil para mostrar algumas das muitas compreensões de Jesus têm sido elaboradas ao longo dos séculos. As artes têm sido veículo por excelência de transmissão destas compreensões. O objetivo da presente comunicação não é apresentar um detalhamento sobre como as artes visuais apresentam Jesus. Antes, o foco está na literatura. Só que o campo da literatura é também vasto e amplo por demais. Muitos têm sido os retratos literários de Jesus. Como exemplos, podem-se citar *A vida de Jesus* (apontada pelos historiadores como a primeira “vida de Jesus” escrita em perspectiva crítica e demitizante), de Ernest Renan⁷, o famoso filósofo, historiador e estudioso francês da religião. Em tempos recentes, o polêmico *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, e outras versões igualmente polêmicas e sem pretensão de ortodoxia doutrinária, como *O Evangelho segundo o Filho*, de Norman Mailer. Outra obra que poderia ser apresentada como exemplo o romance *A sombra do Galileu*, do biblista alemão Gerd Theissen (1991), especialista em aplicação da sociologia ao campo dos estudos do Novo Testamento. O subtítulo da obra de Theissen indica a direção tomada por seu romance: “Pesquisa histórica sobre Jesus em forma narrativa.” Entre os brasileiros que têm se aventurado por este campo destacam-se Fernando Sabino, com seu romance intitulado *Com a graça de Deus* (1995)⁸, e mais recentemente, Frei Betto (Carlos Alberto Li-

⁷ A edição original da *Vie de Jesus* é de 1863. A mais recente edição brasileira é de 2006.

⁸ Neste romance Fernando Sabino foi influenciado por Elton Trueblood, teólogo protestante estadunidense, autor de um livro chamado *The Humour of Christ*, publicado em 1975. A idéia

banio Christo) com *Entre todos os homens* (1999). Esta breve apresentação é apenas sugestiva. Certamente há várias outras. Todas estas possibilidades são legítimas para se estudar como diferentes autores têm reconstruído a vida, obra e mensagem de Jesus. Todavia, apenas duas obras serão apresentadas nesta comunicação, como estudos de caso: a série *Operação Cavalo de Tróia*, do ficcionista espanhol J. J. Benitez e *Cristo Senhor. A saída do Egito*, da escritora norte-americana Anne Rice.

SUPOSTOS ENCONTROS COM JESUS NA OPERAÇÃO CAVALO DE TRÓIA

J. J. Benitez (1946), jornalista de formação, é autor de vários livros, sendo vários destes ligados a temáticas religiosas, mais especificamente sobre temas ligados a ufologia e ocultismo. Sua obra mais conhecida é a série *Operação Cavalo de Tróia*, em oito volumes. A *Operação Cavalo de Tróia* parte de uma constatação algo óbvia, mas comercialmente promissora: livros que tratem de temas ligados à figura de Jesus de Nazaré sempre chamam a atenção do público. Ao mesmo tempo, como se verá adiante, Benitez trabalha de modo descomprometido com a ortodoxia cristã. Mais uma indicação de uma preocupação comercial, pois dificilmente abordagens conservadoras e reacionárias à religião serão sucessos de vendagem. Nestes livros Benitez conta as supostas aventuras de um major e um piloto da Força Aérea dos Estados Unidos da América que teriam participado de um experimento altamente secreto da NASA (a agência espacial norte-americana) – uma viagem no tempo, até os dias de Jesus. A narrativa é apresentada na forma de um diário. Benitez gasta primeiro páginas e páginas (praticamente a metade do primeiro livro) para explicar como teria conseguido acesso ao material *top secret*. Sua narrativa é ágil, se bem que às vezes se torna um tanto monótona. Mas consegue fazer uma autêntica história de aventura policial. Tenta também explicar o suposto embasamento científico para justificar sua narrativa de uma viagem no tempo. Depois narra as aventuras propriamente do piloto (cujo codinome é *Eliseu*) e do Major (codinome *Jasão*) nos dias de Jesus. Uma primeira observação que poderia ser feita é que Benitez pode-

original de Trueblood que inspirou Sabino é a de ler os evangelhos e reconstruir um relato da vida de Jesus a partir da perspectiva do humor – algo totalmente diferente da imagem tradicional de um Jesus sempre grave e circunspecto, até mesmo taciturno, que jamais sorri.

ria simplesmente ter narrado seu relato de uma vida de Jesus. Mas não foi apenas isso que fez. Antes, preocupou-se em tentar provar que seu relato é absolutamente verdadeiro. Sem dúvida, um truque de *marketing*⁹. O truque de *marketing* se torna mais completo quando Benitez afirma estar de posse dos documentos que supostamente comprovariam a veracidade da experiência com a máquina do tempo (chamada no livro de *Berço de Moisés*) que teria sido construída pela NASA, e que pode apresentá-los a quem quiser vê-los. Benitez constrói uma aura de veracidade ao incluir detalhes bastante verossímeis em sua narrativa. O que talvez de todos seja o mais interessante é o fato da preparação do *Major* para a experiência: ele viaja para a Síria, único lugar do mundo onde se encontram falantes do aramaico, língua falada em Israel no tempo de Jesus, a fim de aprender o referido idioma. Chama a atenção no relato de Benitez o detalhamento extremamente minucioso que apresenta quanto aos mais diversos aspectos da vida na terra de Israel no tempo de Jesus. Muitas explicações pormenorizadas são dadas quanto a vestuário, alimentação, condições climáticas e meteorológicas, costumes e tradições culturais e muitos outros tópicos. O autor certamente gastou muito tempo em uma pesquisa a respeito das condições da vida do homem comum no Israel do primeiro século. Mas Benitez não é nem um pouco original ao apresentar Jesus na perspectiva de uma “teoria da conspiração”. Ele defende apresentar a pura verdade, contra deturpações que teriam sido veiculadas pela Igreja Católica ao longo dos séculos. Além disso, quer apresentar dados e informações que, conforme ele, seriam a mais pura expressão da verdade, mas que não constam dos relatos dos evangelhos canônicos. Sua apresentação de Jesus é a do propagador de uma mensagem de um Deus de amor, que não exige ritual nem sacrifícios. Este é outro aspecto no qual Benitez não é nada original, pois sua visão de Deus é bem ao estilo do liberalismo teológico europeu de corte protestante, tão em voga no século XIX. Mas alguns detalhes de sua narrativa são bastante diferentes dos detalhes dos evangelhos¹⁰. Um exemplo: conforme o relato do *Major*, Jesus era um homem de tão elevada estatura, que sempre o chama de *Gigante*. Benitez apresenta um Jesus que se destacava por seu porte físico em qualquer lugar aonde chegava. Em

⁹ O mesmo expediente foi usado por Dan Brown em *O código Da Vinci*, seu folhetim que se tornou *blockbuster*.

¹⁰ Benitez defende que seu relato é o verdadeiro, não o dos evangelhos. Todavia, ao mesmo tempo inocenta os evangelistas, dizendo que escreveram muito tempo depois dos acontecimentos, e que eles não tinham condição de compreender exatamente o que aconteceu.

contraste, os evangelhos canônicos nos relatam que Jesus era tão fisicamente semelhante a todas as pessoas do seu tempo, que Judas Iscariotes precisou dar-lhe o famoso “beijo da traição” como senha que indicasse à polícia do Templo a quem deveriam prender, evitando assim que prendessem a pessoa errada. É simplesmente impossível qualquer tentativa de harmonização dos relatos evangélicos com a ficção de Benitez. Sua afirmação de conter toda a verdade deve ser vista não como uma declaração de cunho histórico ou teológico, mas como estratégia de *marketing*. Além disso, o Jesus de Benitez demonstra ter onisciência: desde o primeiro diálogo do *Major* com o *Gigante*, fica muito claro que este sabe que aquele veio do futuro. Em contraste, Jesus nos evangelhos canônicos não demonstra ser onisciente. Ele demonstra ser perceptivo e intuitivo, com traços de inteligência acima da média e uma impressionante velocidade de raciocínio, mas nada que sequer se aproxime da onisciência. Em outros pontos, Benitez simplesmente nega os relatos dos evangelhos canônicos. Em *Jordão*, o último livro da série, Benitez nega que tenham acontecido relatos importantes dos relatos bíblicos, como o período de quarenta dias de Jesus no deserto e sua tentação pelo diabo. Este episódio em particular é importante no esquema narrativo dos evangelhos, visto ser citado nos três evangelhos sinóticos – Mateus 4:1s, Marcos 1:12s, Lucas 4:1s). Mas como Benitez não está de modo algum interessado na ortodoxia teológica, está completamente à vontade para recontar a história de Jesus como bem lhe convém. Por isso, não se preocupa em absoluto com a questão da autoridade dos textos bíblicos. Outro exemplo de como Benitez se afasta do texto dos evangelhos canônicos: em sua narrativa, Benitez apresenta Maria Madalena como uma prostituta regenerada (o texto se refere a Madalena como “ex cortesã”). Neste sentido, ele segue a tradição pós-bíblica. Na verdade, a tradição que indica ter sido Madalena uma prostituta vem da Idade Média. A Bíblia em nenhum lugar faz tal afirmação. É curioso observar como Benitez tem total liberdade para rejeitar sem problemas relatos evangélicos e incluir o que não se encontra nos textos bíblicos. Conclui-se que Benitez usa uma “licença poética” de grande envergadura em seu trabalho de modificar e recontar o texto bíblico. Em certo sentido, é até óbvio que proceda assim. Afinal, em nenhum momento afirma que vai seguir *pari passu* o texto dos evangelhos canônicos. Muito pelo contrário: sua afirmação é que vai apresentar a “verdade” do que realmente aconteceu e sobre quem Jesus era. Benitez não é o primeiro nem há de ser o último a fazer asseveração tão ousada. Sua obra é uma mais em uma grande galeria dos que pretendem oferecer o relato completo e verdadeiro dos ditos e feitos de Jesus.

Em síntese: a extensa obra de Benitez é mais útil pela impressionante pesquisa arqueológica e histórica que fez que pelo aspecto literário propriamente. Seu texto sem dúvida é ágil, mas está muito longe de ser um narrador do porte de um Umberto Eco ou de um Ernest Hemingway. Deste modo, seu texto extremamente instrutivo quanto a detalhes da vida na terra de Israel no primeiro século. Aí está seu grande mérito.

A INFÂNCIA DE JESUS CONFORME ANNE RICE

O segundo estudo de caso deste artigo é a obra de Anne Rice (1941), escritora estadunidense de origem irlandesa. À semelhança de Benitez, Rice também é escritora bastante prolífica. Curiosamente, tornou-se conhecida por escrever aventuras de vampiros, os famosos seres sobrenaturais que se alimentam de sangue¹¹. Bruxas e outros seres fantásticos também aparecem à farta nas obras desta fase de sua carreira literária. Após ter-se enviuvado em 2005, Anne Rice declarou que não mais escreveria este tipo de obras, e que se dedicaria a outro gênero completamente diferente. Foi o que de fato aconteceu naquele mesmo ano, com o lançamento de *Cristo Senhor. A saída do Egito*¹². Este é na verdade o primeiro de uma série na qual a autora pretende apresentar sua versão romantizada da vida de Jesus Cristo¹³. O que abre a seqüência apresenta Jesus dos sete aos doze anos de idade. Como sugerido pelo título, a narrativa apresenta a viagem da família de Jesus de Alexandria no Egito de volta para o país de Israel. Para os propósitos deste artigo é importante examinar o prólogo do livro (publicado sob o título “Nota da autora”), um relato intensamente pessoal, no qual Anne Rice descreve com detalhes o momento na maturidade de sua vida em que experimenta seu retorno à fé católico-romana de sua infância. Neste relato ela afirma que por cerca de trinta anos viveu como atéia. O retorno à fé cristã foi seguido do desejo de veicular esta mesma fé em forma literária. Para tanto, a senhora Rice relata como mergulhou em uma pesquisa a respeito de questões históricas e teológicas a respeito de Jesus Cristo e seu tempo.

¹¹ Neste campo suas obras mais conhecidas são *Entrevista com o vampiro* e *A rainha dos condenados*, ambos adaptados para o cinema.

¹² A edição brasileira é de 2007.

¹³ O segundo livro da série tem por título *The Road to Cana*, e foi publicado nos Estados Unidos em 2008. Ainda não há notícias sobre quando será publicado no Brasil.

Nesta pesquisa examinou um grande número de obras, de autores crentes e de céticos, além de inúmeras traduções da Bíblia, literárias e críticas, além de obras de eruditos judeus, como Geza Vermes e David Flusser. Chama a atenção a menção dos eruditos que faz, que podem ser identificados com uma tradição conservadora no campo dos estudos bíblicos. Dentre tantos, podem-se citar Richard Bauckham (organizador de *The Gospels for All Christians*, 1997), Larry Hurtado (*Lord Jesus Christ. Devotion to Jesus in Earliest Christianity*, 2003), Craig L. Blomberg (*The Historical Reliability of John's Gospel*, 1998), N. Thomas Wright (*The Resurrection of the Son of God*, 2003), e ainda vários outros, como Bruce Malina, Kenneth Bailey, Donald Carson, Leon Morris, sem embargo de clássicos como C. H. Dodd e Joachim Jeremias.

O que talvez seja o diferencial de *Cristo Senhor* seja o uso que a autora faz dos evangelhos apócrifos (especificamente, como ver-se-á adiante, *O Evangelho da Infância de Tomé*¹⁴) como fonte para a construção de seu romance. De fato, percebe-se como a autora se deixa guiar por um critério puramente subjetivo. Os eruditos de tradição mais conservadora que pesquisou, aos quais presta tributo de gratidão pela influência que deles recebeu, são unânimes na rejeição destes relatos, visivelmente fantasiosos, bastante distantes da sobriedade encontrada nos relatos do bloco literário conhecido como “Evangelho da Infância” (Mateus 1-2 e Lucas 1-2) presente nos evangelhos canônicos. A subjetividade de Anne Rice é assumida quando declara:

E finalmente decidi me dedicar a esse material [i.e., relatos do Evangelho da Infância de Tomé], inseri-lo na estrutura canônica da melhor forma possível. Sentia que havia uma verdade profunda ali e queria preservar essa verdade da forma que se apresentava a mim. Claro que isso é uma suposição. Mas eu fiz isso. E talvez por assumir que Jesus realmente manifestava poderes sobrenaturais bem cedo na vida, de algum modo estou sendo fiel à declaração do Concílio de Chalcedon¹⁵ (sic), que disse que Jesus era Deus e Homem o tempo todo (Rice, 2007, p. 253-254).

¹⁴ Por descuido de revisão por parte da editora que lançou o livro no Brasil, a obra é sempre chamada “Evangelho da Infância de Tomás”.

¹⁵ Outro descuido de revisão da editora. Certamente os revisores e editores, não familiarizados com a tradição dos estudos teológicos, desconhecem a forma Calcedônia, corrente na literatura teológica em língua portuguesa.

Fiel ao seu projeto literário-teológico, Rice inclui em seu romance o conhecido relato de Jesus menino trazendo de volta à vida um menino que fizera morrer. É bem verdade que o *Evangelho de Tomé da infância de Jesus* apresenta vários outros relatos semelhantes. Conforme Vaage (2007, p. 43-44) o citado evangelho apresenta vários outros relatos extraordinários. Em um deles, “o menino Jesus, de seis ou sete anos, recolhe água para sua mãe de uma maneira maravilhosa”; em outro, “Jesus semeia uma quantidade de sementes e maravilhosamente José colhe muito mais” (p. 43). Em outro ainda, “Jesus cura seu irmão Tiago, quando uma serpente venenosa o morde” (p. 44). Além dos episódios nos quais Jesus tira a vida, de crianças ou de adultos – mas a todos faz viver novamente. Rice ainda inclui apenas um seu romance, e faz menção a outro, também bastante conhecido, de passarinhos de barro aos quais o menino dá vida. É necessário observar que o Jesus menino de Anne Rice parece ser mais um adulto em miniatura que uma criança propriamente. O final do romance apresenta uma autoconsciência de Jesus surpreendente para um menino de apenas doze anos. O biblista Leif Vaage, que se debruçou sobre o *Evangelho de Tomé da infância de Jesus*, afirma, de modo totalmente diferente da conclusão tirada por Rice:

Neste texto, o Filho de Deus feito carne se revela, por alguns anos, uma perfeita criança, para não dizer um *enfant terrible*. No Evangelho de Tomé, Jesus não só cresce e se torna mais forte, enchendo-se de sabedoria [...] mas precisa também aprender e deixar-se educar como qualquer criança deste mundo... Isto quer dizer que aqui Jesus ainda é um ser humano, ainda não acabado, ainda aprendendo tudo o que é gozar da graça e da sabedoria, e a não abusar do poder que tem. Que menino! (p. 49).

É evidente que Anne Rice e Leif Vaage tiraram conclusões diferentes quanto aos relatos do *Evangelho de Tomé da infância de Jesus*. Mas é evidente também que são propósitos completamente distintos um do outro. Enquanto Vaage trabalha com preocupações técnicas, de um teólogo biblista “profissional”, Rice trabalha como autora de uma obra literária.

CONCLUINDO...

... Jesus Cristo continua a chamar a atenção e a despertar a curiosidade de todos. Para usar uma idéia extraída de um dos evangelhos canônicos,

ele continua a atrair todos a si mesmo (cf. João 12:32). O mistério de Cristo ainda atrai. Artistas do oriente e do ocidente, em dois milênios de história do cristianismo, que o digam. Pela via das artes, muitos têm tentado apresentar como têm entendido Jesus Cristo. A literatura não é exceção. São diversas reconstruções de Jesus. Cada autor de Jesus como um personagem literário veicula evidentemente uma determinada visão teológica. Os estudos de caso apresentados neste artigo servem como uma simples introdução ao tema. Duas compreensões de Jesus, que se aproximam e ao mesmo tempo se distanciam da visão canônica e ortodoxa quanto ao Cristo. O Cristo de J. J. Benitez é um tanto fantasioso, um tanto distante do Cristo dos evangelhos canônicos. Neste sentido, pode-se falar de um certo tipo de contradição: conquanto Benitez tenha feito, conforme apresentado, uma impressionante pesquisa sobre aspectos históricos os mais variados referentes à vida diária do homem comum na terra de Israel nos dias de Jesus, seu retrato de Cristo propriamente é produto da sua imaginação. Benitez não se deixa orientar de modo algum pela descrição de Jesus Cristo conforme apresentada nos evangelhos canônicos. Anne Rice por sua vez apresenta de modo deveras interessante Jesus menino dando os primeiros passos rumo à consciência messiânica. O método da citada romancista é fazer uma mescla entre fontes conservadoras no campo dos estudos do Novo Testamento com material de fontes apócrifas, que qualquer erudito conservador rejeita. Espera-se que outros estudos que investiguem estas visões sejam produzidos, em uma tentativa de diálogo entre estudos teológicos e estudos artísticos e literários. Este diálogo é potencialmente enriquecedor e oxigenador para ambos os campos do saber e da investigação acadêmica.

Prof. Dr. Carlos R. Caldas Filho

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, é professor na Escola Superior de Teologia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo

BIBLIOGRAFIA

- BAUCKHAM, Richard (org.). *The Gospels for All Christians. Rethinking the Gospel Audiences*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997
- BENÍTEZ, J. J. *Operação Cavalo de Tróia*. São Paulo: Mercury, 1987

- _____. Operação Cavalo de Tróia 2. São Paulo: Mercuryo, 1998
- _____. Operação Cavalo de Tróia 3. Kennereth. São Paulo: Mercuryo, 1987
- _____. Operação Cavalo de Tróia 4. Nazareth. São Paulo: Mercuryo, 1990
- _____. Operação Cavalo de Tróia 5. Cesareia. São Paulo: Mercuryo, 1996
- _____. Operação Cavalo de Tróia 6. Hermon. São Paulo: Mercuryo, 1998
- _____. Operação Cavalo de Tróia 7. Nahum. São Paulo: Mercuryo, 2006
- _____. Operação Cavalo de Tróia 8. Jordão. São Paulo: Mercuryo, 2007
- FREI BETTO (Carlos Alberto Libanio Christo). Entre todos os homens. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999
- BERGER, Peter. Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997
- BLOMBERG, Craig. The Historical Reliability of John's Gospel. Downers Grove: IVP Academic, 1998
- HURTADO, Larry. Lord Jesus Christ. Devotion to Jesus in Earliest Christianity. Grand Rapids: Eerdmans, 2003
- KEPEL, Gilles. A revanche de Deus. Cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo. São Paulo: Siciliano, 1992
- MACKAY, Juan A. El otro Cristo Español. Un estudio de la historia espiritual de Espana e Hispanoamerica. 3ª edicion. México, D.F.: CUPSA
- MAILER, Norman. O Evangelho segundo o Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997
- NOWEN, Henri. Gracias. A Latin American Journal. Maryknoll, New York: Orbis, 1983
- PELIKAN, Jaroslav. A imagem de Jesus ao longo dos séculos. São Paulo: Cosac Naifi, 2000
- RENAN, Ernest. A vida de Jesus. São Paulo: Martin Claret, 2006
- RICE, ANNE. Cristo Senhor. A saída do Egito. Rio de Janeiro: Rocco, 2007
- _____. Christ the Lord. The Road to Cana. New York: Random House, 2008
- SABINO, Fernando. Com a graça de Deus. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1995
- SARAMAGO, José. O Evangelho segundo Jesus Cristo. 33ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- THEISSEN, Gerd. A sombra do Galileu. Pesquisa histórica sobre Jesus em forma narrativa. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991
- VAAGE, Leif. E. "O Evangelho de Tomé da infância de Jesus e outros textos apócrifos – Que menino!". Apócrifos do Segundo Testamento. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, No. 58 – 2007/3, p. 38-49
- WRIGHT, N. Thomas. The Resurrection of the Son of God. Christian Origins and The Question of God. Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 2003